
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TATIANA NOVAES DE OLIVEIRA

**A empatia, a sensibilização, e a formação de
professores do ensino público para uma inclusão
efetiva dos alunos com necessidades educacionais
especiais**

Rio Claro

2012

Tatiana Novaes de Oliveira

A EMPATIA, A SENSIBILIZAÇÃO, E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO
ENSINO PÚBLICO PARA UMA INCLUSÃO EFETIVA DE ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Orientadora: Célia Regina Rossi

Co-orientadora: Andrea Rizzo Santos Boettger Giardinetto

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção dos graus de bacharel e
licenciatura.

Rio Claro

2012

370.71 Oliveira, Tatiana Novaes de
O48e A empatia, a sensibilização, e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais / Tatiana Novaes de Oliveira. - Rio Claro : [s.n.], 2012
61 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Célia Regina Rossi
Co-Orientador: Andrea Rizzo Santos Boettger Giardinetto

1. Professores - Formação. 2. Educação especial. 3. Políticas educacionais. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

AGRADECIMENTOS

Ofereço o sucesso deste trabalho de conclusão de curso a meu pai e minha mãe, agradeço pela vida e educação que me proporcionaram. Sem o tudo que me foi proporcionado, eu nada teria conquistado, sem o apoio financeiro e emocional, dentre muitos outros, poucas chances eu teria de ter chegado aonde cheguei. Agradeço imensamente por acreditarem que o conhecimento jamais é tirado de alguém.

Agradeço pela amizade eterna da minha irmã querida, sem a qual meus dias seriam menos coloridos.

Ao incentivo, talvez inconsciente, mas essencial dado pela Ingrid Zacarelli Brito, para o início desse trabalho. Ela foi um instrumento importante na escolha da temática do trabalho e no empenho exemplar que tinha para com seu próprio trabalho. Foram caminhos cruzados que resultaram numa ajuda mútua e frutífera.

Um agradecimento mais que especial à Coordenadora de Educação Especial de Rio Claro, Patrícia Rosalem, cujo apoio, disponibilidade, e a prontidão em me ajudar, simplesmente surpreenderam. De fato, sem a ajuda dela meu trabalho seria dobrado e redobrado.

Gostaria de agradecer às minhas orientadoras Célia e Andrea, que me guiaram e aconselharam durante o desenvolvimento do trabalho, cuja experiência, vê se retratada também nessa monografia.

Deixo um importante agradecimento a todas as meninas que moraram comigo nas Repúblicas onde passei que maravilhosamente souberam me proporcionar a convivência com o outro, o diferente.

Coró, Cris Loira, Margarida, Jacque Berenice, Curiosa, Tibú, Milhouse, Fiona, Cota, Farofa e a Gabizinha. Nessa lista acrescento amigas mais que especiais, que me enriqueceram enquanto pessoa: Sequela, Ricota, Bauru, Regina, Annie, Clara e aos amigos Fii, Mão e Bigode, pelas discussões, baladas, risadas, pelo caminho que trilhamos todos(as) juntos(as).

Nessa lista não poderei esquecer jamais da Helen, da Iza e da Carol que são pessoas brilhantes, anjos que passaram em minha vida, me deixaram boas memórias e bons exemplos.

Ainda em tempo, gostaria de agradecer a minha amiga Marília Merli Borges, a Pedrita, pela ajuda com a correção e leitura do trabalho. Além das noites, fofocas, comidas, risadas.

Por último, e não menos especial, um agradecimento mais que amoroso pro meu então namorado, hoje marido, Regis. Por todo o tempo, gasolina e risadas que dispensou em favor da minha graduação e do meu TCC, como forma de investir no nosso futuro.

Obrigada!!

RESUMO

A educação especial e a inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) em salas de aula do ensino público regular vêm sendo amplamente discutidas no meio acadêmico e político. A partir da Declaração de Salamanca assinada em 1994 ficou instituído que a educação das pessoas portadoras de NEE fosse garantida pelo sistema público, sendo oferecida dentro das salas ditas regulares. Juntamente ao processo de inclusão, tem sido observada a crescente dificuldade dos professores em trabalhar com esses alunos. Dificuldade essa proveniente de uma formação inicial incompleta ou insuficiente, resultando em uma educação nem sempre inclusiva. O presente trabalho tem como papel investigar quais são os fatores motivacionais que levam os professores, atuantes na rede pública de ensino, a procurar cursos de formação continuada especializado no Atendimento Educacional Especializado, e quais os possíveis obstáculos que os impedem a procurar tais cursos. Os dados foram coletados através de questionários aplicados a professores do ensino fundamental, nas escolas da rede pública da cidade de Rio Claro- SP. Puderam ser identificados alguns fatores motivacionais da busca pela Formação Continuada, bem como fatos que atravancam essas especializações. Observa-se a necessidade de constante formação para que os profissionais da educação sejam capazes de se apropriar da inclusão como atitude pedagógica, e não apenas como uma lei isolada e distante da realidade.

Palavras-chave: Educação especial. Inclusão. Formação de professores. Políticas educacionais.

ABSTRACT

Special education and inclusion of students with Special Educational Needs (SEN) in regular classrooms of public schools has been widely discussed in academic and political areas. From Salamanca Declaration signed in 1994, which established that the education of people with special needs should be guaranteed by public system, being offered within regular classrooms said. Along the inclusion process, has been observed an increasingly difficult for teachers to work with these special students. This difficulty comes from an incomplete or inadequate formation, resulting in an education that is not always inclusive. The present work aims to investigate what are the motivational factors that lead teachers, working in public schools, to seek continuing courses of formation in specialized educational services, and what are the possible impediments that eschew them from seeking such courses. Data were collected through questionnaires given to elementary school teachers, from public schools in the city of Rio Claro- SP. With their answer, it could be identified what are the motivational factors of the quest for continuing formation, as well as facts that obstruct this specialization. It could be observed that there is a need for constant training of the education professionals, for them to be able to appropriate of the inclusion as a pedagogical approach, not just a law and far from reality.

Key-words: Special education. Inclusion. Teacher formation. Educational politics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Da legislação sobre educação especial	8
1.2 Da formação de professores	10
1.3 Do processo de inclusão	12
2 OBJETIVOS.....	16
3 METODOLOGIA	17
4 COLETAS E RESULTADOS	19
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	39
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	40
APÊNDICE C – RESPOSTAS DOS PROFESSORES DO PERFIL 1, PROFESSORES DA SALA REGULAR.....	42
APÊNDICE D – RESPOSTAS DOS PROFESSORES DO PERFIL 2, PROFESSORES DA SALA DE RECURSOS	53

1 INTRODUÇÃO

Assuntos como educação especial (E.E.), educação inclusiva e atendimento educacional especializado (AEE), merecem destaque dentre os temas de pesquisa em educação atualmente. Estes temas ganharam visibilidade mundial a partir da década de 1990 com a assinatura dos acordos da declaração mundial de educação para todos (1990) e da Declaração de Salamanca (1994), pelo Brasil e outros países. Porém existe ainda muito que discutir para que haja uma efetiva inclusão das pessoas com deficiências, ou Necessidades Educacionais Especiais (NEE), nas escolas.

Com o decreto 6.949 de agosto de 2009 que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências assinado pelo Brasil em Nova York, o governo assume a responsabilidade pela educação das pessoas com deficiências:

Os Estados reconhecem o direito das pessoas com deficiência à educação. [...] Para efetivar esse direito [...] os Estados assegurarão sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida (BRASIL, 2009, p. 14).

De acordo com a Constituição Federal, deficiências são impedimentos de longo prazo de natureza física (auditiva, visual ou da fala), sensorial, mental ou múltipla (deficiência mental e deficiência física), ou características como altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2009).

A política atual de educação inclusiva amplia o atendimento educacional diferenciado para além da criança ou jovem com deficiência, tendo como foco os alunos com necessidades educacionais especiais.

Este público é caracterizado, segundo Silva (2005) quando um aluno, comparativamente com os alunos da sua idade, apresenta dificuldades significativamente maiores para aprender ou tem algum problema de ordem física, sensorial, intelectual, emocional ou social, ou uma combinação destas problemáticas. Na maioria das vezes, o processo educacional atual não consegue responder a essas necessidades de forma satisfatória, sendo

necessário recorrer a currículos especiais ou a condições de aprendizagem adaptadas (SILVA, 2005).

A adaptação de currículos e o atendimento educacional especializado (AEE) fazem parte dos preceitos da Educação Inclusiva, que é definida como a prática da inclusão de todos independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Quando (re)significamos essas definições entendemos a inclusão dos alunos com NEE como sendo todo o processo pedagógico e social pelo qual passa o aluno quando incluído nas salas regulares. Assim como todos os fatores decorrentes desta inserção, como o trabalho do professor da sala comum, o trabalho do professor especializado em educação especial, sendo na sala comum ou no AEE na sala de recursos e o atendimento de profissionais específicos quando necessários (terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas, etc).

Conforme o decreto nº 6.571 de 2008 que institui as Diretrizes operacionais da educação especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação básica vemos que:

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, que realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2008, p.1).

Sendo o AEE um instrumento da Ed. Especial, e esta com todas suas peculiaridades, inclui-se no que chamamos de Educação Inclusiva, de forma mais abrangente.

Para que o processo de educação inclusiva se torne realidade na maioria das escolas brasileiras, havendo assim o direito a educação efetiva desse público e não somente a matrícula em escolas regulares, há a necessidade de formação inicial e continuada de profissionais da educação. É

partindo da legislação vigente sobre a educação especial, que será feita uma análise sobre como a formação desses profissionais está sendo realizada.

1.1 Da legislação sobre Educação Especial

Mazzotta (1996) aponta que a educação especial começou a ser pensada no Brasil no século XX, entre as décadas de 1950 e 1960, com algumas iniciativas privadas e públicas, isoladas, se consolidando com a constituição de 1988.

Na década de 1960 a Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 - Lei de diretrizes e bases da educação nacional - já instituíra a educação para crianças denominadas excepcionais, o decreto Lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969 dispôs em seu artigo 1º, o seguinte, com relação à educação de pessoas com deficiências:

Art. 1º São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados (BRASIL, 1969b, p.1).

No ano de 1988 é promulgada a Constituição Federal Brasileira que garante a educação como direito de todos, instituindo no Inciso III do artigo 208, do capítulo III que, o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência deve ser realizado, preferencialmente, na rede regular de ensino (FALCHETTI; PRADO, 2009).

A Lei N.º 7.853 de 24 de outubro de 1989 que dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiências e sua integração social, a Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), atribui que:

Artigo 2º. Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e

à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. [...] I – na área da educação:

- a) a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação própria;
- b) o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino;
- c) a oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino (BRASIL, 1989, p.1).

O debate sobre educação especial culminou com a Declaração de Salamanca, assinada na Espanha em 1994. O documento institui aos países signatários que “asseguem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional.” (UNESCO, 1994).

Esse documento esclarece os princípios, políticas públicas e as práticas na área da educação de pessoas com NEE que cada governo deve adotar, para que a inclusão social destas pessoas seja efetiva. De forma que:

46. Universidades possuem um papel majoritário no sentido de aconselhamento no processo de desenvolvimento da educação especial, especialmente no que diz respeito à pesquisa, avaliação, preparação de formadores de professores e desenvolvimento de programas e materiais de treinamento. Redes de trabalho entre universidades e instituições de aprendizagem superior em países desenvolvidos e em desenvolvimento deveriam ser promovidas. A ligação entre pesquisa e treinamento neste sentido é de grande significado. Também é muito importante o envolvimento ativo de pessoas portadoras de deficiência em pesquisa e em treinamento para que se assegure que suas perspectivas sejam completamente levadas em consideração. (UNESCO, 1994, p.11).

Como visto é atribuído às Instituições de Ensino Superior (IES), universidades públicas ou privadas, a responsabilidade pela formação de professores capazes de trabalhar com alunos que têm NEE, assim como a participação de pessoas portadoras de alguma deficiência no processo de formação docente.

A formação de professores aptos a trabalharem com a educação especial deveria ser prioritariamente feita em instituições de ensino superior, que houvesse a participação de pessoas com deficiências na formação desses professores e que estas pessoas também servissem de modelos para os alunos.

A realidade evidenciada por uma pesquisa recente em âmbito nacional mostrou que o professores, de maneira geral, não estão preparados para receber em sua sala de aula alunos especiais (GLAT et al., 2003). Vejamos quais são os motivos pelos quais os professores não se sentem preparados.

1.2 Da formação de professores

Existe hoje toda uma legislação que respalda a educação especial, o suporte de atendimento especializado às pessoas com deficiências e a formação dos profissionais responsáveis para trabalhar com o alunado que tem necessidades educacionais especiais.

Entre elas estão: Lei Nº 9.394 de 1996 que institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN); O decreto Nº 6.571 de 2008 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado, e acrescenta um dispositivo ao decreto nº 6.253 de 2007; O plano nacional de educação (PNE) de 2000 e o Plano Nacional de Educação Especial (PNEE).

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 no cap. V da educação especial, em seu artigo 59 postula que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

III- professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996, p.24).

Complementando as exigências para a formação dos professores, existe o Decreto Nº 5.626 de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436 de 2002, e dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, no Cap. II – Da inclusão da LIBRAS como disciplina curricular.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005, p.1).

Porém ainda há uma insuficiência de cursos que ofereçam essa formação. Segundo Pletsch (2009), no Brasil a formação inicial ou continuada de professores e demais agentes educacionais ligados à educação segue ainda um modelo tradicional, inadequado para suprir as reivindicações em favor da educação inclusiva.

Vale destacar que, dentre os cursos de Pedagogia e de Pedagogia com habilitação em Educação Especial, poucos são aqueles que oferecem disciplinas ou conteúdos voltados para a educação de pessoas com necessidades especiais.

Até o ano 2000 havia no país 31 cursos de Pedagogia com habilitação em Educação Especial, além de um único curso de nível superior no país de Licenciatura Plena em Educação Especial (BUENO, 2002). Com a mudança na estrutura curricular dos cursos de Pedagogia, as habilitações em Educação Especial foram extintas e isso eliminou o modelo mais tradicional, até então vigente no país, de formação nessa área, em nível superior (MENDES et al., 2008).

Contudo ainda, no que tange a formação inicial de professores existe a resolução CNE/CP Nº 2 de 2002 que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Tal resolução preconiza que a formação de professores seja feita em nível superior, nos cursos de licenciatura plena, e apresenta uma distinção entre professores capacitados e professores especializados para trabalharem com os alunos com NEE (BRASIL, 2002).

Conforme a referida resolução (CNE/CP nº2 de 2002) são considerados professores capacitados aqueles professores das turmas comuns de ensino que comprovem em sua formação (inicial – em nível médio ou superior – ou continuada) disciplinas do campo da educação especial que o capacite para o

trabalho pedagógico com os alunos da educação especial. Os professores especializados são aqueles formados nos cursos de licenciatura em educação especial ou pedagogia com habilitação em educação especial, bem como, os que tenham cursos complementares de estudos ou pós-graduação em educação especial ou áreas específicas da educação especial (BRASIL, 2002).

Atualmente existem apenas dois cursos de graduação com licenciatura plena em Educação Especial no Brasil, um na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estes cursos visam além das disciplinas específicas da formação do professor de Educação Especial, três categorias como objeto de formação: Didática pedagógica; Fundamentação da Educação Especial e Estágio Supervisionado.

Para que os professores sintam-se capazes de educar para as diferenças, é necessário que tenham autonomia em seus programas pedagógicos, e que procurem cursos de formação especializada. É relevante destacar que, de modo geral, a formação recebida pelos professores influencia diretamente no desenvolvimento dos alunos (LIBÂNEO, 1998 apud PLETSCHE, 2009).

1.3 Do processo de inclusão

O debate sobre a inclusão e a integração de pessoas com deficiências nas escolas, esbarra num conflito de definições colocado pela própria constituição. Na revisita a alguns dos documentos que fundamentam a educação especial, como o Programa Nacional de Educação (PNE) e a Lei de Diretrizes e Bases é possível distinguir algumas divergências sobre os conceitos de inclusão e integração, onde estes são confundidos e considerados sinônimos. Mazzotta (2003) faz uma análise sobre as definições:

Imprecisão conceitual sobre INTEGRAÇÃO e INCLUSÃO, ora empregados com o mesmo significado, ora colocadas em oposição ou superação da integração pela inclusão. Dentre outras consequências, tal indefinição contribui para uma cisão entre “defensores” da integração e da inclusão, como se o próprio sentido de educação já não fosse uma busca de integração ou inclusão social. Mais ainda, pois, como salienta Glat (1997), a integração não pode ser vista simplesmente como um problema de políticas educacionais ou de

modificações pedagógico-curriculares na Educação Especial. Integração é um processo subjetivo e inter-relacional (apud GLAT, 1997, p. 199).

A integração faz parte do processo da educação inclusiva, porém o real significado de incluir vai muito além que apenas inserir o aluno especial em uma sala regular e esperar que ele se adapte sem problemas.

O processo de inclusão envolve algumas dificuldades como a aceitação da turma para com o aluno que tem necessidades educacionais especiais, possíveis preconceitos, dificuldades de relacionamento e aprendizagem, ansiedades que o aluno especial gera na sala e suas próprias ansiedades e também as frustrações decorrentes dos possíveis fracassos, tanto do aluno como dos seus professores.

Incluir é fazer com que o aluno se sinta parte do todo, respeitando suas diferenças e afinidades, mais ainda, fazer com que esse aluno se sinta bem, garantindo um ensino de qualidade. Desta forma, acredita-se que Educação Especial e Educação Inclusiva podem caminhar juntas e, assim, construir uma efetiva prática de inclusão escolar (GIARDINETTO, 2009).

Para que a inclusão seja efetiva acredita-se no afeto e na sensibilização dos professores para com as necessidades do outro. Segundo Souza e Oliveira (2009), a formação do professor para o processo de inclusão escolar deve estar ancorada no reconhecimento do outro. Esse outro outrora negado, aquele que teve sua alteridade desfigurada por uma representação de menos valia, de ingênuo e ignorante (SOUZA e OLIVEIRA, 2009).

A este respeito, de acordo com a concepção sócio histórica de Vygotsky (1989) sobre o desenvolvimento humano:

O ser humano se constitui como sujeito a partir de sua interação social com o mundo. É a possibilidade de comunicar-se com os outros, de entender e se fazer entendido que impulsiona o desenvolvimento (VYGOTSKY, 1989, p.83).

Nessa perspectiva, para que o professor seja um instrumento facilitador da inclusão, a sua prática pedagógica e sua formação devem estar fundamentadas no entendimento de como o aluno se relaciona com o mundo,

fundamentadas em questionamentos sobre como os alunos, especialmente os que têm NEE, se comunicam com o mundo e se fazem entender.

O entendimento é atingido quando estes sujeitos interagem entre si, a natureza das relações construídas entre professores e alunos não são elementos neutros, são dimensões integrantes e constitutivas do processo de inclusão (GIOLO, 2010). Por isso, na formação de professores, o ambiente escolar se caracteriza como o espaço das relações intersubjetivas, relações essenciais e mediadoras de outras possíveis relações que podem ser estabelecidas.

Ainda segundo Giolo (2010), o bom professor é aquele que vive profundamente uma experiência cultural e se apropria, sistematicamente, dela e dos meios necessários para proporcionar ao aluno a mesma experiência e a mesma apropriação.

Chamamos de empatia o processo de se apropriar dos meios necessários para proporcionar ao outro/aluno uma experiência. O processo de se sensibilizar para com a causa do outro é estar em um estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com outra, se identifica com as necessidades do aluno, presumindo sentir o que o outro está sentindo (MICHAELIS, 1998). Ser capaz de transmitir experiências e conhecimentos, levando em consideração as limitações, deficiências ou particularidades do aluno com NEE é que faz do professor um elemento chave no processo de inclusão desse aluno na sala regular.

É importante que essa discussão seja feita no contexto da educação, da escola e do sujeito, porque discutir sobre a diferença é pensar na existência do outro, esse que se apresenta como uma realidade que se impõe gradativamente no dia-a-dia, um outro concreto, com identidade, com história, com uma constituição afetivo-emocional própria (FERREIRA, 2002).

É através dessa prática, a de pensar e interagir com o outro, que os rumos da educação começam a se transformar. O professor sem reflexão, sem orientação pedagógica adequada, sem autonomia, sem arcabouços teóricos, não conseguirá mediar o processo de construção da existência do outro (aluno com NEE) na sala de aula (ROSSI, 2005).

A autonomia, por exemplo, tida como a atitude ou o modo de ser específica da sociedade moderna e democrática, é na verdade a expressão de uma relação entre pessoas, uma relação de igualdade e de respeito que mobiliza a dimensão individual e livre de cada um (GIOLO, 2010).

A autonomia só pode ser construída socialmente e, é preciso concordar com Preti (2005) quando diz que:

Autonomia não é sinônimo de autodidatismo, pois enquanto este consiste na capacidade de aprender por conta própria, aquela só é construída em processos formativos que demandam contextos sociais, intersubjetividade (PRETI, 2005, p.129).

Assim sendo, fica clara a necessidade de estarem presentes durante o processo de formação dos profissionais da educação: a autonomia, a empatia e a sensibilização. Não só para que consigam entender as necessidades dos alunos, fazer as adaptações curriculares necessárias, mais para que consigam fazer uma reflexão sobre sua práxis e assim efetivar inclusão dos alunos com NEE.

2 OBJETIVOS

O não cumprimento das exigências feitas para a formação de professores constrói um sentimento de impotência, como cita Rossi (2005):

É recorrente a reclamação dos professores sobre a dificuldade que possuem em trabalhar com alguns alunos que exigem um procedimento, equipamentos ou recursos pedagógicos especializados e isso gera uma preocupação no sentido de investigar sobre o dever do estado de oferecer cursos de formação continuada de professores (ROSSI, 2005, p.43).

Os objetivos deste trabalho são:

Identificar qual é a formação inicial dos profissionais da educação e se eles possuem especializações.

Fazer um panorama sobre o que os professores pensam ser sensibilidade, e como isso é trabalhado na formação para educação especial.

A formação e a sensibilização docente para trabalhar com educação especial se fazem necessárias, pois, dependendo da maneira como a inclusão tem sido implantada nas escolas, pode tornar-se um dos fatores que contribuem aumentar a incidência do mal-estar docente (PRIOSTE, 2006) e o fracasso dos alunos.

Abordar questões sobre como os professores se sentem tendo alunos com NEE incluídos em suas salas sejam essas salas regulares ou de recursos.

Investigar também quais são os fatores motivacionais que estimulam os professores a procurarem cursos de formação continuada em educação especial, bem como quais os obstáculos ou impedimentos que dificultam sua especialização, ou busca por cursos de formação continuada.

Segundo Pletsch (2009):

O desafio posto para os curso de formação de professores é o de produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes, que permitam a compreensão de situações complexas de ensino, para que os professores possam desempenhar de maneira responsável e satisfatória seu papel de ensinar e aprender para a diversidade (PLETSCH, 2009, p.148).

3 METODOLOGIA

Para identificar os fatores mais relevantes que motivam um professor a buscar um curso de formação continuada, e também o que o desestimula nessa busca, será feita uma pesquisa com professores do ensino fundamental ciclo I de escolas públicas do município de Rio Claro, cidade situada no interior do estado de São Paulo.

Escolheram-se como sujeitos de pesquisa 20 (vinte) professores do ensino fundamental, dos quais 10 (dez) são professores de classes regulares que têm alunos com NEE incluídos em suas salas, estes foram chamados de perfil 1 e 10 (dez) professores que trabalham com Educação Especial na sala de recursos, estes foram chamados de perfil 2. Dentre os professores do perfil 2 apenas 4 professores autorizaram a publicação das respostas, sendo apenas estas analisadas nesse trabalho.

Escolheu-se entrevistar os professores do ensino fundamental de escolas públicas, porque eles são os atores em contato diariamente com as situações de adversidade, inclusão, e também as dificuldades e preconceitos pelos quais os alunos podem estar sujeitos, dentro de uma sala dita inclusiva.

A abordagem metodológica escolhida foi a aplicação de um questionário (APÊNDICE A) aos professores participantes da pesquisa, contendo questões sobre formação, conhecimento dos cursos de formação continuada oferecidos pelo governo (municipal, estadual ou federal), a importância da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, questões sobre sensibilidade e segurança em trabalhar com alunos que têm NEE.

Respondidos os questionários, foi realizada a análise das respostas para relacionar as opiniões dos professores que têm alunos com NEE incluídos em suas salas regulares, com as respostas dos professores que trabalham somente na sala de recursos.

A comparação das respostas permitiu identificar os motivos que levam alguns professores a se especializar em Educação Especial, e também qual foi a formação pela qual passaram os professores que lidam com a inclusão nas salas regulares.

As análises foram organizadas a luz das referências teóricas que deram suporte a esta pesquisa tais como: toda a legislação vigente para formação de professores, a legislação que regulamenta a educação especial, os Planos Nacionais de Educação e Educação Especial, a Lei de Diretrizes e Bases assim como trabalhos de pesquisa, monografias e artigos de autores da área da Educação Inclusiva e da Educação Especial.

4 COLETAS E RESULTADOS

As coletas de dados foram realizadas juntamente aos professores de escolas públicas do ensino fundamental ciclo I, mediante a aplicação de questionários contendo questões subjetivas.

Para isso, os professores tomaram conhecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) onde são esclarecidos todos os procedimentos da pesquisa como objetivos e metodologias, assim como possíveis riscos e têm a garantia de sigilo absoluto com relação a seus nomes e dados pessoais.

Os questionários foram aplicados parte na Secretaria Municipal de Educação, durante a reunião mensal dos professores com a Coordenadora de Educação Especial, e outra parte diretamente nas escolas, por intermédio dos diretores.

O critério para que o professor participasse do estudo, foi o tipo de atuação profissional, sendo sala de recursos especificamente ou sala regular com alunos com NEE matriculados.

A partir da aplicação dos questionários e análise do material, temos uma amostra sobre como os professores entendem e percebem sua formação, se os processos de empatia e de sensibilização estiveram presentes durante a formação, seja inicial ou continuada.

Para melhor sistematização, as respostas foram organizadas em categorias e subcategorias, as categorias são o tema principal da questão e as subcategorias construídas baseadas nos substratos mais importantes da referente categoria.

Os questionários completos com as respostas referentes aos professores do perfil 1, ou seja, professores da sala regular, com alunos incluídos, estão no APÊNDICE C.

Quadro 1- Dados dos professores de salas regulares que têm alunos incluídos, esses professores se enquadram no Perfil 1. Foram entrevistados 10 professores e todos responderam ao questionário.

Categorias do Perfil 1	Subcategorias do Perfil 1
Graduado em curso superior	(08 prof.) Sim (05 prof.) pedagogia

	(01 prof.) Não fez curso relacionado à educação
Realizou pós-graduação	(04 prof.) Sim (06 prof.) Não (01 prof.) fez Ed. Especial e Psicopedagogia (01 prof.) fez pós em Docência em Ed. infantil
Realizou especialização, qual?	(07 prof.) Não (01 prof.) Orientação Educacional (01 prof.) LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) (01 prof.) Ed. Inclusiva e pró-letramento
Participou de curso de Formação Continuada, qual?	(01 prof.) Não -(06 prof.) Alfabetização e letramento - (01 prof.) Letra e vida -(1 prof.) Educação Matemática - (01 prof.) Inclusão - (01 prof.) História - (02 prof.) Ed. para segunda infância - (01 prof.) Deficiências cognitivas - (01 prof.) Surdo-cegueira e multideficiências - (01 prof.) Ed. tecnológica na escola - (01 prof.) Avaliação: repensar ações, refazer caminhos, humanizar a escola
Conhece curso de Formação Continuada para Ed. Especial	(06 prof.) Sim (03 prof.) Não - (01 prof.) através da Plataforma Freire
Tem alunos com NEE em sala	(10 prof.) Sim - (01 prof.) aluno com Paralisia cerebral - (01 prof.) aluno com Nanismo
Tem ajuda de Intérprete ou auxiliar em sala regular	(07 prof.) Sim (01 prof.) Não - (01 prof.) há monitores - (01 prof.) [...] a escola conta com a ajuda da professora da sala de recursos [...]. - (01 prof.) [...] temos um profissional especializado na área de educação especial, que não mede esforços para nos orientar [...].
Sentem segurança para trabalhar com alunos que tenham NEE	(06 prof.) Sim (04 prof.) Não - (01 prof.) Em alguns aspectos. - (01 prof.) [...] Com esse apoio sinto-

	<p>me mais segura ao enfrentar esse desafio [...].</p> <p>- (01 prof.) [...] mesmo com os cursos que realizei não me sinto totalmente segura [...].</p>
O que é sensibilidade	<p>(01 prof.) - Bom senso</p> <p>- (05 prof.) Capacidade de entender, compreender.</p> <p>- (01 prof.) Facilidade de reagir [...] a estímulos.</p> <p>- (01 prof.) olhar o outro, que necessita, ou não da minha ajuda.</p> <p>-(04 prof.) [...] perceber além do que está visível e claro.</p> <p>- (02 prof.) [...] perceber e sentir [...].</p> <p>- (01 prof.) É a capacidade de colocar-se no lugar do outro [...].</p> <p>- (01 prof.) [...] é transpor [...]</p> <p>- (01 prof.) [...] usar os sentidos para receber e/ou perceber [...] as mensagens enviadas pelos outros [...] usar os sentidos para perceber até as próprias sensações.</p>
Motivação para formação em Ed. Especial.	<p>(07 prof.) Não</p> <p>- (03 prof.) especificamente, não</p> <p>- (01 prof.) [...] como todo ano chega à sala crianças com deficiência, sinto a necessidade de correr atrás do conhecimento.</p> <p>- (05 prof.) se for no horário de trabalho</p> <p>- (01 prof.) [...] A motivação em realizar cursos na área se dá por dois motivos: [...] a inclusão é lei e temos que lidar com ela e pelo aspecto de afinidade com o tema.</p>
Motivação para fazer formação continuada em qualquer área	<p>- (02 prof.) Nenhum, [...] nunca quis ter formação para NEE.</p> <p>- (01 prof.) Gosto de estudar [...] me sinto motivada a estudar pelo gosto da busca de novos conhecimentos [...].</p> <p>- (01 prof.) Atualização e preparação</p> <p>- (01 prof.) Aprender sempre</p> <p>- (04 prof.) [...] crescimento profissional.</p>
Qual curso de formação continuada faria	<p>-(01 prof.) Nenhum.</p> <p>- (01 prof.) Educação Especial</p> <p>- (01 prof.) Síndromes</p>

	-(01 prof.) Depende do qual for oferecido. - (03 prof.) Artes - (04 prof.) Matemática - (03 prof.) Alfabetização
Fatores que impedem a formação/especialização	- (05 prof.) Nenhum - (01 prof.) [...] a falta de tempo , pois trabalho o dia todo e como um mestrado, por exemplo, acontece no período diurno, quem trabalha dois períodos fica impossibilitado. - (01 prof.) [...] Problemas particulares. - (01 prof.) Estou em final de carreira [...] e mesmo que não estivesse não faria nenhuma especialização neste campo, pois não concordo com a forma com que a inclusão está sendo aplicada. - (02 prof.) Aposentadoria próxima [...]

Fonte: elaborado pelo autor

Os questionários completos com as respostas referentes aos professores do perfil 2, professores da sala de recursos, estão anexados ao trabalho como APÊNDICE D.

Quadro 2- sistematização dos dados dos professores da sala de recursos, chamados de Perfil 2. Foram entregues 10 questionários dos quais apenas 4 autorizaram a publicação das respostas.

Categorias do Perfil 2	Subcategorias do Perfil 2
Graduado em curso superior	- (03 prof.) Sim - (02 prof.) Pedagogia -(01 prof.) habilitação em deficiência mental e física.
Realizou pós-graduação	(01 prof.) Não (03 prof.) Sim -(01 prof.) Psicopedagogia
Realizou especialização, qual?	(02 prof.) Sim (01 prof.) Não - (01 prof.) Psicopedagogia clínica e Institucional - (01 prof.) LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) - (01 prof.) Mestrado em Educação, linha Educação Especial
Participou de curso de Formação Continuada, qual?	- (02 prof.) Educação Especial - (01 prof.) Orientação e Mobilidade

	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) Braille - Deficiências Múltiplas e físicas - (01 prof.) Tecnologia Assistiva - (01 prof.) Deficiência auditiva - (01 prof.) Leitura, escrita e surdez
Conhece curso de Formação Continuada para Ed. Especial	(4 prof.) Sim
Tem alunos com NEE em sala	<ul style="list-style-type: none"> - (02 prof.) [...] sou especialista da sala de recursos. - (01 prof.) deficientes auditivos. - (01 prof.) [...] 24 alunos inseridos no ensino regular [...] alunos com diferentes deficiências: visual, intelectual, auditiva, física, múltiplas, síndrome de down e baixa visão.
Tem ajuda de Intérprete ou auxiliar em sala regular	<p>(01 prof.) Não</p> <ul style="list-style-type: none"> - (02 prof.) [...] eu que atendo os alunos com NEE, sou eu também que auxilia os professores [...] há também uma monitora para auxiliá-los quando necessário. - (01 prof.) Sou professora especialista do AEE responsável por orientar professores, funcionários (limpeza, merenda), monitoras e famílias [...] realizo adaptação de recursos de baixa tecnologia, adequação curricular [...] e realizo encaminhamento para profissionais especializados. Por fim atendo os alunos em horário inverso ao do ensino regular
Sentem segurança para trabalhar com alunos que tenham NEE	<p>(04 prof.) Sim</p> <ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) [...] dependendo da deficiência que o aluno apresentar. - (01 prof.) Sim, [...] busco informação sempre que necessário para que as crianças se sintam seguras [...].
O que é sensibilidade	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) É poder perceber as limitações dos outros e saber respeitá-las [...] saber trabalhar com as diferenças [...] levando em consideração que todos nós temos nossas deficiências, e gostamos de ser respeitados [...]. - (01 prof.) [...] a Ed. Especial vai além da sensibilidade, tem que ter comprometimento.
Motivação para formação em Ed.	(01 prof.) Não

Especial.	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) Sim - (01 prof.) [...] poder ter mais conhecimento sobre deficiências que não estudei na minha formação.
Motivação para fazer formação continuada em qualquer área	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) Trabalhar melhor, conhecendo mais - (01 prof.) Poder informar melhor outros professores da escola - (01 prof.) A necessidade de estar cada vez mais a par dos problemas - (01 prof.) [...] realizo no mínimo 4 a 5 cursos por ano - (01 prof.) [...] trocar informações, conhecer melhor os recursos, garantir qualidade do ensino [...]. - (01 prof.) [...] nunca sabemos sobre tudo da área.
Qual curso de formação continuada faria	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) relação com Ed. Especial -(01 prof.) Nas áreas de Deficiência Visual e Deficiência Física - (01 prof.) alfabetização e alfabetização matemática - (01 prof.) Todos na área do AEE e da EE
Fatores que impedem a formação/especialização	<ul style="list-style-type: none"> - (01 prof.) no momento não há impedimentos - (01 prof.) [...] especializações escolhidas em cidades muito distantes. - (01 prof.) [...] geralmente a dupla jornada (casa - escola) que impede os/as professores (as) de realizarem cursos de formação continuada.

Fonte: elaborado pelo autor

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Observa-se que entre os 14 professores entrevistados de ambos os perfis, todos são graduados em cursos de nível superior, sendo estes cursos licenciaturas ou bacharelados, e 12 estão cursando pós-graduação ou cursos de especialização. Com isso há o cumprimento do que estabelece o Art. 87, § 4º da LDB (1996) que determina:

Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço (BRASIL, 1996, p.33).

Dos professores entrevistados 11 têm conhecimento sobre cursos de formação oferecidos pelos governos municipal, estadual ou federal, inclusive cursos na área da educação especial. Quando questionados sobre quais destes cursos fariam, as áreas escolhidas perpassam a Ed. Especial, a psicopedagogia, LIBRAS, e linhas de mestrados ligados à educação. Isso mostra a emergente necessidade que recai sobre os profissionais da educação, que precisam ter uma formação abrangente e ao mesmo tempo especializada.

A formação deve ter um caráter interativo e interdisciplinar que dê suporte à atuação profissional, para que os professores sejam capazes de lidar com a exigente diversidade de alunos presentes na escola (BRIDI, 2009). Essa diversidade de alunos se faz presente devido Lei N.º 7.853 (CORDE, 1989) que instituiu que a educação das pessoas com deficiências deve ser feita nas salas regulares, junto aos demais alunos.

Para que os alunos incluídos sejam atendidos eficientemente na sala regular, não apenas na sala de recursos, os professores entrevistados dizem contar com o suporte de professores auxiliares ou monitores especializados no AEE, que os ajudam com o trabalho pedagógico também nas salas regulares, bem como deve ser uma inclusão corretamente implantada.

Todos os professores participantes da pesquisa têm alunos com NEE, porém nem todos se sentem seguros para trabalhar com esses alunos. A

insegurança, segundo Prioste (2006) é geradora de um sentimento de angústia e não há o que possa suprir esse sentimento do professor, pode-se buscar atravessá-lo e, nesta travessia é importante que ele receba suporte, aprendendo a gerenciar sua angústia, transformando-a em intervenções pedagógicas criativas.

A professora nº10 do perfil 1 ao fazer referência sobre a confiança em trabalhar com os alunos que têm NEE, disse: “*mesmo com os cursos que realizei não me sinto totalmente segura.*” De acordo com Prioste (2006), o mal-estar, está muitas vezes relacionado aos estranhamentos que irrompem na relação com o aluno, um dos possíveis suportes ao professor seria tornar esse estranho um pouco mais familiar e menos ansiógeno. Para que o aluno com NEE não seja um fator causador de angústia ou ansiedade, é necessário que o professor esteja devidamente preparado, que além da formação (seja ela inicial ou continuada), ele tenha uma reflexão consistente sobre a sua prática, para que consiga transformar a realidade, sair da previsão do fracasso e incluir efetivamente os alunos. Além da formação não podemos desconsiderar as condições de trabalho, o trabalho colaborativo entre o professor da sala comum e o especializado, o material didático adaptado e o apoio da coordenação escolar.

O questionário aplicado aos professores faz relação entre a confiança que eles sentem em trabalhar com os alunos que tem NEE e o que entendem sobre sensibilidade, sobre qual é o papel da sensibilidade no trabalho docente e na educação especial.

Definições subjetivas foram apresentadas como: “*sensibilidade é a capacidade de perceber e sentir*” (professor 8 do perfil 1); “*colocar-se no lugar do outro*” (professor 7 do perfil 1) ou “*sensibilidade é usar os sentidos para receber e/ou perceber as mensagens enviadas pelos outros*” e também “*usar os sentidos para perceber até as próprias sensações*” (ambas do professor 10 do perfil 1).

A partir destas respostas, mais questionamentos podem ser feitos como, por exemplo: qual é o papel deste outro no processo de sensibilização? Quando percebemos e entendemos o outro, estamos sensibilizados? Como a empatia e a sensibilização influenciam nosso processo de formação docente?

Ressalta-se a resposta de um professor do perfil 2 que diz: “a *Ed. Especial vai além da sensibilidade, tem que ter comprometimento*”. Muito tem a acrescentar quando se diz que o professor deva ter comprometimento. O comprometimento com a necessidade do outro, o comprometimento com uma educação realmente inclusiva é que vai possibilitar o professor a fundamentar sua prática pedagógica.

O comprometimento do professor para com sua própria formação deve ser um fator que o possibilite a ser um instrumento de integração entre o aluno com NEE e os outros alunos, entre o aluno com NEE e o mundo a sua volta.

Para fundamentar a questão do comprometimento docente com a inclusão, Vygotsky (1989) trata da interação de alunos com pessoas mais experientes, que os ajudam na mediação no processo de (re)conhecimento do mundo:

Adultos e crianças, professores e alunos podem conferir às palavras significado e sentidos diferentes. Desta forma, os sujeitos mais experientes, ao interagirem com as crianças, estimulam-nas não só na apropriação da linguagem, como também na sua expansão, possibilitando, assim, a elaboração de sentidos particularizados, que dependem da vivência infantil e da obtenção de significados mais objetivos e abrangentes (VYGOTSKY, 1989, p.80).

Por isso a empatia e a sensibilização são fatores tão importantes na formação docente, pois permitem que o professor proporcione aos alunos o entendimento de que todos são sujeitos históricos sociais e políticos, e não somente interagem no contexto escolar.

O estudo questiona a motivação e as condições atuais de trabalho, que influenciam os professores a procurar um curso de formação continuada específico sobre a educação especial. Nota-se uma divisão de opiniões, 8 professores dos 14 entrevistados, não se interessam em cursos sobre esse tema, apenas 6 estão mais cientes dos desafios que a educação inclusiva propõe e têm uma necessidade maior de conhecimento na área das NEE e do AEE. Como a exemplo da professora 10 do perfil 1 que cita: “A *motivação [...]*

se dá por dois motivos: [...] a inclusão é lei e temos que lidar com ela e pelo aspecto de afinidade com o tema”.

Como referencia Silva (2009, p.4): “o docente pode desmistificar os estereótipos ao mesmo tempo em que aprende a conviver com a diversidade e valorizar a diferença”. A presença de alunos com NEE na sala de aula tende a gerar conflitos na escola, os professores têm a oportunidade de (re)significar o que entendem por deficiência, fazendo assim com que a inclusão seja mais do que um problema de afinidades, seja uma atitude pedagógica, social e política.

Quanto aos questionamentos sobre os motivos da procura por outros cursos de formação continuada, os professores alegam além da atualização, do crescimento pessoal e profissional, como citou o professor 2 do perfil 2: *“para poder informar melhor outros professores da escola”.*

Segundo Brizolla (2009) a premissa do trabalho docente cooperativo entre os professores especializados e os professores do ensino comum/regular tem sido apontada como um elemento para a reflexão crítica sobre o fato de que, em se tratando de escolarização de alunos com necessidades educacionais especiais, faz-se necessária uma formação docente permanente e progressiva, tanto no que se refere às políticas de formação inicial quanto continuada.

Como último fator a ser analisado, o questionário aborda os motivos que impedem a continuação da formação do professor, ou a procura por outras especializações.

O motivo mais marcante é a falta de tempo para dedicar-se a um mestrado ou outros tipos de cursos, por conta das duplas jornadas (casa e trabalho) enfrentadas atualmente pela maioria dos professores brasileiros. Outro motivo apontado como fator de impedimento a novas especializações ou formações, foi a aproximação da aposentadoria. Os professores que estão próximos de se aposentarem alegaram por esse motivo não necessitar de mais formação ou especialização.

Para Nóvoa (1991), todo processo de formação deve ter como referencial o saber docente, o reconhecimento e valorização desse saber. Não é interessante se desenvolver formação continuada sem levar em consideração

as etapas de desenvolvimento profissional do docente, ou seja, seus aspectos psicossociais, assim:

Existem grandes diferenças de anseios e necessidades entre o docente em fase inicial, o que já adquiriu uma considerável experiência pedagógica e o que já se encaminha para a aposentadoria (NÓVOA, 1991, p.86).

Por esta razão, as novas tendências de formação continuada consideram estas diferenças e apontam sérias críticas a situações padronizadas e homogêneas, as quais são amplamente conhecidas como “pacotes de formação” (NÓVOA, 1991) que ignoram tais diferenças e não consideram o contexto no qual o docente está inserido.

O problema da distância dos cursos escolhidos também apareceu como um fator que impede a especialização e formação. Como escrito pelo professor 2 do perfil 2: *“cursos ou especializações escolhidas em cidades muito distantes”*.

Para diminuir esse entrave, relativo à distância entre pessoas e centros educacionais, a LDB de 1996 aprovou a educação a distância como uma modalidade possível no sistema de ensino. Nos chamados cursos de Educação à Distância (EAD), os alunos realizam o curso através de um ambiente virtual, disponibilizado através da internet, com a ajuda de um tutor.

Para Moran (2009) educação a distância é: “o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Essa modalidade de ensino possui pontos positivos e negativos. Um dos pontos positivos da EAD como cita Calixto (et al., 2009) é:

Rever o processo de ensino-aprendizagem, privilegiando o trabalho colaborativo entre formadora e formandos (as) e contemplando o protagonismo do aprendiz ao indicar os pontos de avanço e os que precisam ser aperfeiçoados/inovados, pode contribuir para a auto formação do docente-pesquisador sobre sua própria prática. Talvez seja esse um dos caminhos para a consolidação de uma cultura avaliativa reflexiva, investigativa e questionadora rumo à construção de uma nova

pedagogia – com tecnologia – para a educação face-a-face e/ou à distância (CALIXTO, 2010, p.9).

Em contra partida, os cursos de EAD têm alguns aspectos negativos dentre eles a grande exploração da modalidade feita por instituições particulares. Apesar de facilitar o acesso e a permanência em cursos superiores, muitas vezes os cursos à distância oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior particular não atendem as regulamentações e exigências feitas pelo Ministério da Educação (MEC), para os cursos de formação de professores.

Além do domínio das instituições particulares no oferecimento dos cursos de ensino à distância, existe a questão do espaço, do lugar formativo. Segundo Giolo:

Considerar que esse locus pode ser desprezado como parte fundamental da formação dos jovens que pretendem se preparar para a atividade docente é um erro colossal (GIOLO, 2010, p.13).

Os intercâmbios virtuais são, sem dúvida, importantes, assim como o aprendizado orientado a distância, mas o que está em pauta quando se trata de cursos de formação de professores a distância, não é exatamente a formação de professores para a docência à distância, mas para a docência presencial (GIOLO, 2010).

Professores para o ensino presencial deveriam ser formados em cursos presenciais, salvo os casos em que se tratar de professores em serviço e não havendo formas presenciais ou mistas possíveis de serem oferecidas, como é o caso dos professores participantes deste estudo.

Outro motivo a ser ressaltado como impedimento à formação continuada foi citado pelo professor 4 do perfil 1: “*não faria nenhuma especialização neste campo (da Ed. especial), pois não concordo com a forma com que a inclusão está sendo aplicada*”. Essa afirmação nos leva a uma discussão sobre a implantação da inclusão nas escolas, e como isso vem sendo feito.

Ao contrário do que algumas pessoas acreditam a inclusão não é a simples inserção do aluno com deficiência e/ou NEE na escola regular. Adotamos nesta pesquisa a concepção de que a educação inclusiva implica em promover as condições necessárias para que os alunos com NEE tenham acessibilidade aos recursos, conhecimentos, espaços, dentre todas as outras coisas, disponibilizadas as demais pessoas da comunidade escolar.

Contudo, a inclusão educacional não é uma tarefa fácil, pois, ela propõe uma modificação nos sistemas de ensino e na estrutura escolar, e mudar não é fácil, a mudança traz medo, gera insegurança, pois, ela implica sair de uma posição que já se está acostumado e ir rumo ao desconhecido (MIRANDA; SILVA, 2009).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender como 14 professores do ensino fundamental de escolas públicas do ensino fundamental ciclo I da cidade de Rio Claro - SP entendem sua formação, no que tange à educação especial. Identificar qual foi a formação recebida por esses professores e se eles estão em busca de novos conhecimentos e atualização. Se a empatia e a percepção da criança e adolescente com necessidades especiais foram fatores que estiveram presentes durante sua formação inicial.

Foram abordadas questões sobre como os professores se sentem tendo alunos com NEE incluídos em suas salas, fatores motivacionais que estimulam os professores a procurarem cursos de formação continuada em educação especial, bem como quais os obstáculos ou impedimentos que dificultam sua especialização.

Para a realização do estudo, utilizou-se da abordagem qualitativa, com coleta de dados através de questionários semi estruturados aplicados aos professores do ensino fundamental ciclo I, que são os atores em contato diariamente com as situações de adversidade e inclusão nas escolas públicas, são, portanto mediadores essenciais deste processo.

Além da proposta de se discutir e propor uma formação permanente e progressiva, complementar aos projetos de formação inicial e continuada (geralmente estruturados nos tradicionais modelos de cursos de graduação ou de pós-graduação), tentou-se com este estudo, problematizar sobre a importância da formação continuada no processo de formação, inquietação e entendimento do professor, com relação às necessidades educacionais especiais de seus alunos.

A formação cotidiana que ocorre na escola e no cenário real do processo de ensino-aprendizagem com todos os alunos, é tida como um dispositivo imprescindível de (re)ação e (re)significação das práticas pedagógicas, que ultrapassa a barreira de capacitar o professor com relação a alunos com necessidades educacionais especiais e, assim, garante o êxito dos processos de inclusão escolar, na medida em que este professor revê suas práticas, quando atua para todos. (BRIZOLLA, 2009).

Este trabalho apontou elementos primordiais a serem aprofundados em outros estudos, como também serem discutidos em várias instâncias educacionais, como as escolas, entre os professores, Diretorias de ensino, Secretarias de educação, não apenas nas instâncias de educação especial. Mas ficam ainda algumas questões que aparecem neste estudo, como: a autonomia e a reflexão são fatores abordados nos cursos de formação de professores? Os cursos de ensino à distância estão dentro das metas estipuladas e regulamentadas pelo governo? O que acontece ao aluno se ele não é incluído e integrado na escola e na comunidade? Essas dentre outras questões permanecem em aberto, podendo ser temas de novas pesquisas, mas que está apontam na medida, que ela vai desvelando as problemáticas dos professores e seus alunos.

Por meio de políticas públicas governamentais no mundo todo, inclusive no Brasil, com vistas à “Educação para Todos”, líderes mundiais estão agora empenhados em formar continuamente profissionais para aumentar a proporção de crianças com necessidades especiais inseridas na educação fundamental (ROSSI, 2005).

Uma educação inclusiva não é uma quimera, um sonho irrealizável, ela é possível e algumas escolas públicas têm experimentado o movimento de inclusão, aos poucos os sistemas rígidos e uniformes vão cedendo espaço a sistemas mais flexíveis. E, nesse movimento percebe-se que não só as pessoas com NEE são beneficiadas com o convívio, a inclusão, a aprendizagem a que são expostos, mas todos os envolvidos aprendem e se beneficiam com tão rica experiência, aprendem dentre outras coisas, a ver a riqueza na diferença, a respeitar e compreender as diferenças, a não julgar pela aparência. (MIRANDA; SILVA, 2009).

Este estudo fez uma breve provocação, mas deixa aberto espaço para inúmeras outras provocações, que poderão beneficiar a todos os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem, que se dá na escola pública para todos, isto é, que deveria se dar!!!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. Formação do professor para a educação especial: história, legislação e competências. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 24, p. 23-32, 2004.

BENÍCIO, E. R. **A Educação à Distância na formação de professores: uma tendência contemporânea**. Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/eadformacao.asp>>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Lei n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social e sobre a coordenadoria para a integração da pessoa portadora de deficiência (CORDE). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Portaria n.º 1.793, de dezembro de 1994**. Recomenda a inclusão da disciplina “Aspectos ético-político educacionais da normalização e integração da pessoa portadora de necessidades especiais”, nos cursos de pedagogia, psicologia e em todas as licenciaturas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port1793.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares e estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. MEC/SEF/SEESP Brasília, 1999. Disponível em: <http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Downloads_PCN.PDF>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002**. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica em nível superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, graduação plena, para formação de professores da educação básica. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispões sobre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Decreto nº 6.571 do MEC/SEE, de 17 de setembro de 2008**. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e do atendimento educacional especializado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRASIL. **Decreto nº 6949 de 25 de agosto de 2009**. Promulga a convenção internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

BRIDI, F. R. S. Discussões iniciais sobre a formação de professores para a atuação no atendimento educacional especializado. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco**. São Paulo, SP: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. p. 1-9.

BRIZOLLA, F. Para além da formação inicial ou continuada, a formação permanente: o trabalho docente cooperativo como oportunidade para a formação docente dos professores que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco**. São Paulo, SP: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. p. 1-11.

CALIXTO, A.; OLIVEIRA, E. G.; OLIVEIRA, G. S. V. **Enfrentar as incertezas**: alternativas didáticas em ambientes virtuais. Uberlândia: UNIMINAS, 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/031tcc3.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2012.

COSTA, N. M. L. A formação contínua de professores: novas tendências e novos caminhos. **Revista Holos**, ano 20, p.10, dez. 2004.

FALCHETTI, S.; PRADO, E. M. Formação do professor e educação inclusiva: um estudo da relação teórico-prática. In: SAECE- SOCIEDAD ARGENTINA DE ESTUDIOS COMPARADOS IN EDUCACION, 3., 2009, Buenos Aires. **Anais...** Disponível em: <<http://www.saece.org.ar/autores3.php>>. Acesso em: 02 maio 2012.

FERREIRA, J. R. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 3-5, set. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132621998000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 maio 2012

GIARDINETTO, A. R. S. B. **Educação do aluno com autismo**: um estudo circunstanciado da experiência escolar inclusiva e as contribuições do currículo funcional natural. 2009, 194f. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2009.

GIOLO, J. O ensino à distância e a formação de professores. **Política da Educação Superior**, Passo Fundo, n. 11, p. 17, 2010.

GLAT, R.; FERREIRA, J. R.; OLIVEIRA, E. S. G.; SENNA, L. A. G. Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. In: _____. **Relatório de consultoria técnica do Banco Mundial**, 2003. Disponível em: <http://www.cnotinfor.pt/inclusiva/pdf/Educacao_inclusiva_Br_pt.pdf>. Acesso em: 02 maio 2012.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil**: história e políticas. São Paulo: Cortez, 1996.

MAZZOTTA, M. J. S. Identidade dos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da política educacional brasileira. **Movimento** Revista de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, n.7, p. 11-18, 2003.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Carlos, v. 11, n. 33, p.20, set./dez. 2006.

MICHAELIS, H. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo/SP: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORAN, J. M. O que é educação à distância. **Informe CEAD - Centro de Educação a Distância**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 1-3, out./dez. 1994. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Acesso em: 02 maio 2012.

NÓVOA, A. Concepções e práticas da formação contínua de professores. In: _____. (org.). **Formação contínua de professores**: realidade e perspectivas. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991. p.100-135.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar**, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009.

PRIOSTE, C. D. **Diversidade e adversidades na escola: queixas de professores frente à educação inclusiva.** 2006. p. 11. Trabalho de pesquisa (Mestrado em Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PRETI, Oresti (org.). **Educação à distância: sobre discursos e práticas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

ROSSI, C. R. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LBS) mediando o processo da construção de aprendizagem de sujeitos surdos inseridos na sala de aula de alunos ouvintes.** 2005. 279f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, M. P. A inclusão da criança com necessidades educacionais especiais. In: FÓRUM PERMANENTE DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Anais...**, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. p. 8.

SILVA, K. S. B. P. Formação continuada: uma necessidade na construção de uma escola inclusiva. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco.** São Paulo, SP: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009. p. 1-11.

SILVA, E. C. S.; MIRANDA, T. G. As relações interpessoais na educação de alunos com autismo: pressupostos e desafios. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco.** São Paulo, SP: Universidade Federal da Bahia, 2009. p.1-9.

SILVA, F. G.; MAGALHÃES, R. C. B. P. Deficiência mental, identidade e docência: um preâmbulo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco.** São Paulo, SP: Universidade Estadual do Ceará. 2009. p. 1-10.

SHIMAZAKI, E. M. **Fundamentos da educação especial.** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_e_lsa_midori_shimazaki.pdf>. Acesso em: 02 maio 2012

SOUZA, R. R.; OLIVEIRA, I. A. Representações sociais e formação de professores: no contexto de um paradigma de reconhecimento do outro. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2009, São Paulo. **Formação de professores em foco.** São Paulo, SP: Universidade Estadual do Pará, 2009. p. 1-10.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, 1994.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

- 1-) Você fez curso superior?
- 2-) Você fez pós-graduação?
- 3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?
- 4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)
- 5-) Se sim, sobre o que era?
- 6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?
- 7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)
- 8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?
- 9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?
- 10-) O que é sensibilidade para você?
- 11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?
- 12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?
- 13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?
- 14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Caro(a) entrevistado(a),

Convido você a participar da pesquisa **“A empatia, a sensibilização e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais.”**

Esta pesquisa tem o objetivo de identificar quais são os obstáculos e os fatores motivacionais que levam os professores da rede pública de ensino a procurarem cursos de formação continuada, oferecidos pelo governo (estadual, federal ou municipal).

A justificativa da pesquisa é pela preocupação da pesquisadora em entender a real inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, assim como, a necessidade da formação continuada, para que o professor possa cada vez mais ter uma formação adequada com sua época, contexto social e alunos.

Os riscos decorrentes da pesquisa serão riscos inerentes ao cotidiano, há o risco de você sentir se ofendido ou constrangido, e assim sendo, poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa. O benefício da sua participação ajudará o meio científico e acadêmico a entender sobre as motivações dos profissionais da educação a aprender para melhorias na formação inicial e continuada da temática da inclusão nas escolas.

Você poderá entrar em contato com a aluna e/ou com a orientadora do projeto que se responsabilizam a sanar eventuais dúvidas antes e durante o curso da pesquisa, sobre metodologia ou qualquer outro fator abordado, e estas se encarregarão de esclarecer o entrevistado à qualquer momento.

É importante frisar que a qualquer momento da pesquisa o entrevistado pode manifestar sua vontade de não mais participar da pesquisa ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo.

Cabe enfatizar, que em nenhum momento da pesquisa, seu nome será divulgado, assim como o nome da escola onde trabalha.

Os dados obtidos a partir das entrevistas serão usados unicamente para fins acadêmicos, e não serão publicados nomes, idades, identidades ou qualquer outra informação que possa te expor. Somente aluna e sua orientadora terão acesso aos dados dos participantes, se comprometendo em manter o sigilo dos mesmos.

Sendo assim, assino este termo declarando que estou ciente dos objetivos da pesquisa e dos benefícios que a pesquisa trará.

Eu, _____,
portador do RG _____ declaro que todas as informações foram esclarecidas e estou ciente de todos os procedimentos que serão realizados, de todos os objetivos da pesquisa.

Autorizo a utilização das informações coletadas através das entrevistas, sendo que uma via deste documento ficará com o participante, ou seja, eu, e outra com o pesquisador responsável.

Tel. _____ Endereço: _____

Rio Claro, ____ de _____ de 2012.

Assinatura

Título do projeto: A empatia, a sensibilização e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais

Pesquisadora Responsável: Célia Regina Rossi

Aluna Pesquisadora: Tatiana Novaes de Oliveira

Instituição: UNESP – Instituto de Biociências – Departamento de Educação – Rio Claro- SP

Contatos: 35264245 (Célia) 3533-2399 (Tatiana) (019) 9692-4833 (Tatiana)

e-mails: celiarr@rc.unesp.br; tatynoliver@hotmail.com

APÊNDICE C – RESPOSTAS DOS PROFESSORES DO PERFIL 1, PROFESSORES DA SALA REGULAR

Professor 1

1-) Você fez curso superior?

R: Tenho curso superior em pedagogia.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Pós-graduação em educação especial e psicopedagogia.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Especialização em Orientação educacional

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sempre que possível participo de cursos de formação oferecidos pela secretaria de educação nas diversas áreas

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização, educação matemática, inclusão, entre outros.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sei do programa do governo federal destinado a cursos de formação continuada através da plataforma freire, porém ainda não participei.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Esse ano tenho uma aluna com paralisia cerebral.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Na escola em que trabalho além de uma monitora atuando o tempo todo na sala de aula, temos um profissional especializado na área de educação especial que não mede esforços para nos orientar tanto em relação em como lidar com o aluno, respeitando seu desenvolvimento e limitações, bem como na adequação de atividades, adaptação de recursos, dentre outras inquietações que surgem no dia-a-dia.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Com esse apoio me sinto mais segura ao enfrentar esse desafio que é proporcionar a esses alunos oportunidades os levam à aprendizagem.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: (não respondeu)

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Gosto de estudar, já fiz dois cursos específicos na área de necessidades especiais, porém prefiro trabalhar com esses alunos na sala regular.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Como já citei anteriormente me sinto motivada a estudar pelo gosto da busca de novos conhecimentos, muitas síndromes ainda são desconhecidas para mim e como todo ano chegam na sala crianças com deficiências, sinto a necessidade de correr atrás do conhecimento.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R:

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: O que às vezes impede a estudar mais é a falta de tempo, pois trabalho o dia todo e um mestrado por exemplo, geralmente acontece no período diurno, impossibilitando assim a frequência de quem trabalha dois períodos.

Professor 2

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Não.

5-) Se sim, sobre o que era?

R:

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Não.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim, um.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Não.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Não.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: É bom senso.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Nenhum pois estou em fim de carreira e nunca quis ter formação para NEE.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Depende do qual for oferecido.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Só não farei estudos visando NEE.

Professor 3

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim, vários municipais.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização, matemática e história.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: (não respondeu)

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Olhar o outro que necessite ou não da minha ajuda.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Aprender sempre.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: (não respondeu)

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Aposentadoria próxima, e estudar ler, sempre sobre tudo que me preencha e me leve ao conhecimento.

Professor 4

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Não.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Não.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Capacidade de compreender, intuir ou facilidade de reagir a estímulos.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Nenhum.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Nenhum.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a

estudar.

R: Estou em final de carreira, aguardando minha aposentadoria e mesmo que não estivesse, não faria nenhuma especialização neste campo pois não concordo com a inclusão da forma que está sendo aplicada.

Professor 5

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Não.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim, monitora.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Não.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Capacidade para entender ou compreender.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Sim, se for no horário de trabalho.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Atualização e sentir preparada.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Sobre ed. especial.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Período tarde e noite não posso (problemas particulares).

Professor 6

1-) Você fez curso superior?

R: Sim, pedagogia.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Estou cursando psicopedagogia.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: sim, pelo governo municipal.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Sobre alfabetização, letramento e educação na segunda infância.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim, em alguns aspectos.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Sensibilidade é transpor, enxergar além do que está visível e claro.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Especificamente não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Busca de novos conhecimentos e a possibilidade de fazê-los em serviço.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Cursos na área de Artes (música, teatro, etc.), matemática, e alfabetização.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Nenhum.

Professor 7

1-) Você fez curso superior?

R: Sim, pedagogia.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Sim, docência em educação infantil.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: docência em educação infantil.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Educação para segunda infância, deficiências cognitivas, surdo-cegueira e multideficiências.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim, em alguns aspectos.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: É a capacidade de colocar-se no lugar do outro, e enxergar além do que está visível.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não especificamente.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Busca de novos conhecimentos, crescimento profissional e a possibilidade de fazê-los em serviço.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Alfabetização, matemática, entre outros.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Nenhum.

Professor 8

1-) Você fez curso superior?

R: Sim, mais não relacionado à educação.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim, oferecido pelo município.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização e letramento.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim, em alguns aspectos.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: É a capacidade de enxergar além, perceber e sentir fatores que não são tão claros.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Meu crescimento profissional e a possibilidade de fazê-los em serviço.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Matemática no ensino fundamental, alfabetização etc.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Nenhum.

Professor 9

1-) Você fez curso superior?

R: Sim, pedagogia.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Ainda não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Alfabetização e letramento, letra e vida.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim em alguns aspectos.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: É a capacidade de perceber além do que está visível e claro

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Especificamente, não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Busca de novos conhecimentos e crescimento profissional.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Arte e matemática.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Nenhum.

Professor 10

1-) Você fez curso superior?

R: licenciatura em pedagogia, em 2007.

2-) Você fez pós-graduação?

R: (não respondeu)

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Dois cursos de extensão em LIBRAS, iniciação à educação tecnológica na escola e simpósios de educação.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL,

MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Educação inclusiva uma escola para todos, avaliação: repensar ações, refazer caminhos, humanizar a escola, ensino fundamental ciclo I, pró-letramento e língua portuguesa.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: sei que existe um programa de formação em educação inclusiva para as redes estaduais e municipais, mais não tenho conhecimento de como funciona.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Tenho uma aluna com nanismo e sua condição requer apenas adaptações no ambiente físico, já que sua aprendizagem é excelente. Desde o primeiro momento trabalho as diferenças com todas as crianças da classe e ela sempre foi tratada por todos como qualquer outra aluna, não é beneficiada nem prejudicada pela sua condição física.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Para auxiliar com os alunos com NEE, a escola conta com a ajuda da professora da sala de recursos, que é uma profissional muito comprometida com o que faz.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Acho que mesmo com os cursos que fiz não me sinto totalmente segura para trabalhar com alunos que apresentam NEE, mas, sei que qualquer NEE específica que venha a encontrar vai ser um desafio e um estímulo para buscar mais informações e trabalhar da melhor maneira possível.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Vejo o termo sensibilidade como a capacidade de usar os sentidos para receber e/ou perceber, com refinamento, as mensagens enviadas pelos outros... Pode ser, também, a capacidade de usar os sentidos para perceber até as próprias sensações.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Este ano de 2012, estou realizando o curso de Especialização em educação especial, pela Claretianas, que está ampliando alguns conhecimentos de forma muito proveitosa.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: A motivação em realizar cursos na área se dá por dois motivos: pelo fato prático de que a inclusão é lei e temos que lidar com ela, e pelo aspecto da afinidade com o tema.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Gostaria de realizar futuramente, cursos na área de Artes, gosto de pensar que as coisas precisam ser mais bonitas e gostaria de saber trabalhar melhor com isso

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: O tempo é um fator que dificulta um pouco a realização de cursos.

APÊNDICE D – RESPOSTAS DOS PROFESSORES DO PERFIL 2, PROFESSORES DA SALA DE RECURSOS

Professor 1

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Sim.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Sim, terminando Psicopedagogia clínica e institucional.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Alguns.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Ed. Especial

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim. Sou especialista da sala de recursos.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Não.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim, muito.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Penso que a educação especial vai além da sensibilidade, tem que ter é comprometimento.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Não.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: A necessidade de estar cada vez mais a par dos problemas.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Não sei.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Já sou especialista e sempre estou buscando atualizações.

Professor 2

1-) Você fez curso superior?

R: Sim, pedagogia.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Sim, cursando.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Sim, LIBRAS.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Ed. Especial

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim, deficientes auditivos.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sim, eu sou a intérprete.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: (não respondeu)

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Sim, ed. especial.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Poder trabalhar melhor conhecendo mais (maior conhecimento). Poder informar melhor outros professores da escola.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Os que fazem relação com a Ed. especial.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Faculdades com a especialização escolhidas em cidades muito distantes.

Professor 3

1-) Você fez curso superior?

R: Graduação em pedagogia - habilitação em deficiência mental e física.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Psicopedagogia – *lato sensu*.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Mestre em educação, linha: educação especial *stricto sensu*.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Participo frequentemente de congressos nas universidades. Porém as redes municipal e estadual oferecem pouca formação. Porém a Coordenadora de Ed. Especial de Rio Claro não busca esforço para oferecer formação contínua AACD, Universidade de Marília e outras.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: Orientação e Mobilidade; Braille; tecnologia assistiva ; deficiência múltipla e física.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Sim, 24 alunos deficientes inseridos no ensino regular da ed. infantil (etapa 1), ensino fundamental e EJA. Tenho alunos com diferentes deficiências: deficiente mental, intelectual, auditiva, múltipla, física, síndrome de down, síndrome de cri-du-chat, baixa visão. Atendo no hospital – pedagogia hospitalar.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Sou professor especialista do AEE, responsável por orientar professores, gestores, funcionários da merenda, limpeza, monitoras e família sobre nossos alunos. Além de orientar, realizo adaptação de recursos de baixa tecnologia, adaptação curricular com as professoras, avalio novos casos e realizo o encaminhamento para profissionais especializados quando necessário. Por fim atendo os alunos no horário inverso ao do ensino regular.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim. Amo meu trabalho, e busco formação sempre que necessário para que as crianças se sintam seguras e participem de um ensino de qualidade.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: Não entendi a pergunta. Sensibilidade emocional, física????? Não entendi a relação com NEE.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Eu já tenho formação, mas realizo por ano 4 a 5 cursos.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Atualizar conhecimentos, trocar informações, conhecer novos recursos, garantir qualidade de ensino aos meus alunos.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Todos que surgirem sobre a temática do AEE e outros para alfabetização e alfabetização matemática.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: Não há nenhum impedimento.

Professor 4

1-) Você fez curso superior?

R: Sim.

2-) Você fez pós-graduação?

R: Não.

3-) Você fez alguma especialização? Se sim qual a especialidade?

R: Não.

4-) Você já fez algum curso de formação oferecido pelo governo (ESTADUAL, MUNICIPAL OU FEDERAL?)

R: Sim, governo estadual, sobre deficiência auditiva – leitura, escrita e surdez.

5-) Se sim, sobre o que era?

R: sim.

6-) Você sabe se o governo (FEDERAL) disponibiliza cursos de formação CONTINUADA para professores que gostariam de trabalhar com educação especial?

R: Sim, a minha sala é a sala de recursos, portanto atendo alunos com NEE.

7-) Você tem alunos com NEE em suas salas? (se necessário, explicar o que são NEE)

R: Como sou eu que atendo os alunos com NEE, sou eu também que auxilio os professores.

8-) A escola disponibiliza de algum intérprete ou professor auxiliar para te ajudar com os alunos especiais em sala?

R: Há na escola uma monitora para auxiliá-los quando necessário.

9-) Você se sente seguro para trabalhar com crianças que tenham NEE?

R: Sim, dependendo da deficiência que o aluno apresentar.

10-) O que é sensibilidade para você?

R: É poder perceber as limitações dos outros e saber respeitá-las. É saber trabalhar com as diferenças, sempre levando em consideração que todos nós temos nossas deficiências e queremos e gostamos de ser respeitados como somos.

11-) Você se sente motivado a procurar algum curso de formação continuada para trabalhar especificamente com alunos com necessidades especiais?

R: Estou pensando em fazer uma pós-graduação exatamente para poder me atualizar e também para poder ter mais conhecimento das deficiências que não estudei na minha formação.

12-) Cite alguns fatores que te motivam para fazer um curso de formação continuada?

R: Aprimorar conhecimentos e sempre buscar aprender mais, pois nunca sabemos e não saberemos sobre tudo da área.

13-) Qual curso de formação continuada de professores faria?

R: Nas áreas da deficiência visual e deficiência física.

14-) Cite um ou dois fatores que te impedem de se especializar, ou continuar a estudar.

R: No momento nada me impede, tanto que estou pensando em fazer uma pós.